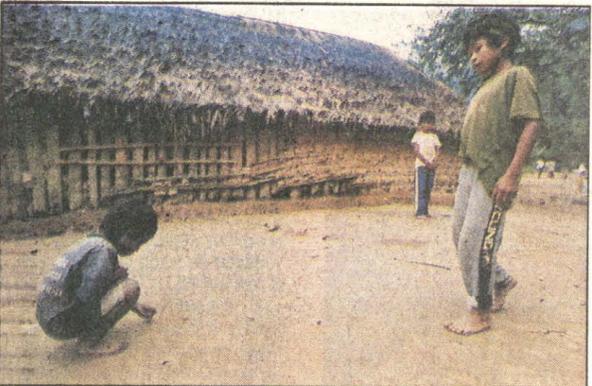




Vera exibe a placa deixada pelos índios na autodemarcação da aldeia



As crianças, sem aulas, passam o tempo jogando bola de gude e futebol



Sapukai, ou socorro em guarani, única aldeia indígena do estado do Rio, tem ocas feitas com tocos de madeira e telhado de folhas de guaricana

Funai demarca área guarani no Rio

Concretização de sonho de índios da única aldeia do estado, a de Sapukai, em Angra dos Reis, agora só depende do Congresso

CELINA CORTES
O povo guarani — cerca de quatro mil índios espalhados pelo país — acredita no paraíso terrestre, onde as plantas nascem sozinhas e ninguém precisa brigar pela sobrevivência. Movidos por essa crença, os 168 índios da aldeia Sapukai (socorro em guarani), em Bracuí, Angra dos Reis, se cansaram de esperar pela Funai e fizeram a autodemarcação de sua reserva, a única área indígena do Estado do Rio.

A pressão surtiu efeito. Há um mês a Funai enviou antropólogos ao local para estudar a demarcação de 2.105 hectares, feita pelos índios. "Agora só esperamos a aprovação pelo Congresso do orçamento da União para realizar a demarcação física. É coisa fácil de fazer que estará concluída em cerca de 20 dias", garantiu o presidente da Funai, Dinarte Nobre de Madeira.

Desde que chegaram, há seis anos, os guaranis construíram sete açudes — para criar carpas e tilápias — e cultivaram as encostas íngremes com plantações de mandioca, batata, feijão, milho, banana e cana-de-açúcar. A maior fonte de renda da comunidade é o comércio com artesanato indígena, vendido na beira da BR-101 ou no comércio de Parati.

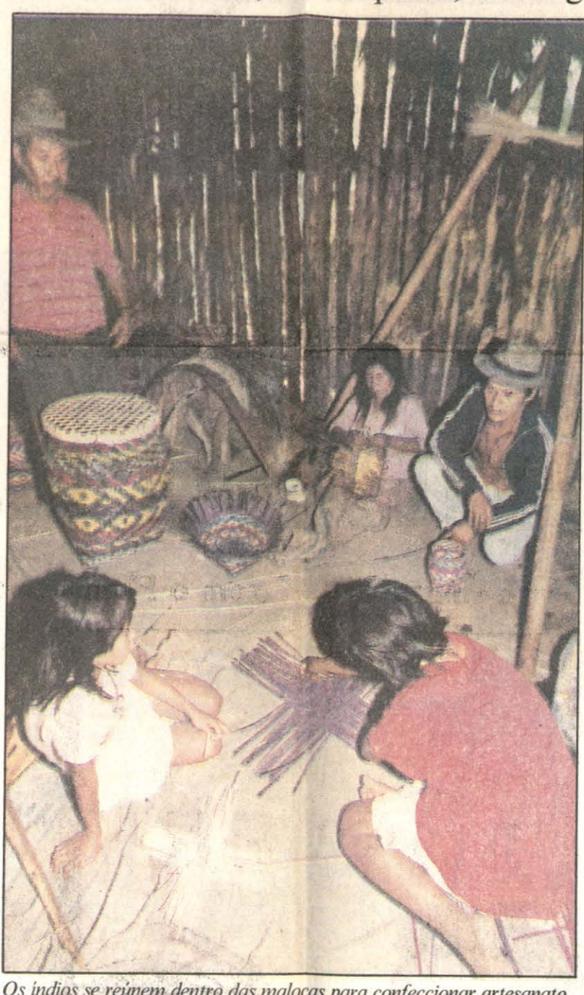
Autodemarcação — Há cerca de três meses, os guaranis iniciaram os trabalhos de auto-

demarcação. Criaram a Associação Comunitária Indígena de Bracuí (Acibra), que reuniu 420 guaranis de aldeias do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. Eles passaram 30 dias abrindo picadas na mata para marcar o território. "Ficávamos o dia inteiro trabalhando", lembra Pedro Euzébio, ou *Quarai*, em guarani.

Adolfo Silva, 77 anos, Vera em guarani, levou a equipe do **JORNAL DO BRASIL** a um dos marcos fixados pelos índios. Descalço, invejável disposição para sua idade, Vera, que lembra Dersu Uzala — personagem do diretor japonês Akira Kurosawa —, armou-se de espingarda e facão, para se defender dos "animais grandes". No caminho, mostrou a cultura de batata que plantou e o açude recém-construído.

Nudez — "Essa casinha é para abrigar um porco, e o estercor que cai no açude alimenta os peixes", entusiasma-se. Vera termina a construção da casa para seu único filho, que acaba de se casar e ter uma filha. "Primeiro as mulheres andavam todas sem blusa, mas aqui tem que usar e acostumar, porque o português pensa que nasceu de roupa", ironiza.

Os índios vieram de Paranaíba, no Paraná, para uma área de 700 hectares antes habitada por alguns guaranis. Sapukai surgiu de um convênio entre a Funai e o governo estadual, que desapropriou a área.



Os índios se reúnem dentro das malocas para confeccionar artesanato

Malocas de Sapukai

Não é preciso ir à Amazônia para conhecer uma aldeia indígena. A parede das casas — ocas ou malocas — são tocos de madeira, os telhados de folhas de guaricava, as camas meio talo de bambu enfileirados e o piso é a terra. Simplicidade que os guaranis transportam para seu dia-a-dia: toda a aldeia se banha nos riachos dentro da Aldeia Sapukai, onde só alguns índios falam o português.

As características de aculturamentos são flagrantes: estes 500 anos de contato com a civilização impuseram mudanças em sua rotina, como o uso de roupas de branco, a prática da sinuca nos bares próximos à aldeia, a bebida alcoólica e o corte de cabelo com a cabeça arrepiada e os fios longos chegando aos ombros.

Algemiro Silva, 30 anos, *Potey* para os guaranis, é filho do pajé, João Silva — que este ano completa 80 anos — e professor bilíngüe dos guaranis. Ele ensina português, guarani e matemática para 20 alunos, que há um mês estão sem aulas. "A escola caiu com o vento e ainda não começamos a construir a nova", explica com sotaque guarani.

Jogos — Enquanto isso, as crianças se revesam nos jogos de futebol e bola de gude no pequeno campo de terra existente no centro da aldeia, ou trabalham na confecção de artesanato. Há cerca de dois anos os guaranis começaram a pintar as tiras de taquaraçu com cores bem vivas, que dão

novo colorido aos cestões, chocalhos e pequenas cestas que eles negociam na beira da estrada.

"Vendo três cestões, cinco arco e flechas (CRS 10 mil a unidade) e 12 colares (CRS 1 mil) por semana. Cada vez sobe mais o preço do alimento e a gente também aumenta", conta Pedro Euzébio, que tem sensibilidade para se defender dos efeitos da inflação mas não faz a menor ideia do que é URV. "Dólar eu sei o que é, mas não tenho", brinca.

Descanso — Segundo Euzébio, os guaranis não têm dia de descanso. Eles só param quando chove, "mas aqui chove que é uma barbaridade", reconhece. Quem não faz artesanato cuida do cultivo, das galinhas e patos que ciscam livres pela aldeia ou dos peixes, que os guaranis estão começando a criar nos açudes.

Eles aprenderam com os técnicos da prefeitura de Angra dos Reis a corrigir o solo com calcário, a fazer plantações em curvas de nível, para evitar a erosão, e a trazer água da cachoeira em canos para formar os açudes.

Os casos de doenças mais graves são tratados no posto de saúde de Bracuí. Mas resfriados, dor de cabeça, tosse e até meningite eles previnem e cuidam com as ervas encontradas no mato. "Para meningite usamos *graxa de ouriço*, que tem muito por aqui, mas só eu conheço a receita", se vangloria Vera.

Desafio é chegar ao paraíso

O paraíso dos guaranis fica além-mar. O grande desafio é alcançá-lo em vida, porque depois da morte será o rumo certo para as almas cumpridoras das regras do deus Xamã. Segundo a antropóloga Arilza de Almeida, do Museu do Índio, os guaranis acreditam na chance de se elevar aqui na Terra. "A resistência cultural mais forte deste povo está na religião, porque externamente eles não diferem muito dos brancos, já que não tingem o corpo e nem andam sem roupa", conta.

O povo guarani (ou guerreiro indomável) habitava o litoral do país quando chegaram os portugueses. De índole mansa e sociável, conseguiram preservar sua identidade se mantendo nos estados do Rio, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e também na Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Agora recebem a boa nova da demarcação do território de Bracuí na véspera do Dia do Índio, 19 de abril.



Os guaranis construíram sete açudes, onde vão criar carpas e tilápias



As índias guaranis usam blusas porque têm contato com a civilização

ECODICAS

A Editora Relume Dumará acaba de lançar *O Destino da Floresta*, livro que reúne alguns dos mais conhecidos especialistas em reservas extrativistas e em desenvolvimento sustentável — como Mary Alegretti, Anthony Anderson e Mauro Almeida. Com 270 páginas, a publicação aborda desde os aspectos econômicos das reservas extrativistas, às políticas de desenvolvimento de preservação

ambiental, de acordo com as perspectivas da biodiversidade e biotecnologia.

O Clube de Engenharia abre o ciclo de debates sobre a Amazônia, com a palestra do geólogo Giuseppe Bacoccoli, da Petrobrás, amanhã, às 18h.

Reciclagem Brahma na Copa do Mundo é o aquecimento que a indústria faz para levar 20 torcedores para assistir aos primeiros jo-

gos do Brasil, nos Estados Unidos. Para isso, os interessados devem levar seis latas de alumínio ou seis embalagens de vidro descartável aos postos de trocas itinerantes, que serão montados em shopping centers do Rio de Janeiro e São Paulo, até o dia 29 de abril. Serão sorteados 10 pessoas no Rio e 10 em São Paulo, que ganharão estadia em hotel de quatro ou cinco estrelas, passagens de ida e volta,

além de ingressos para os primeiros jogos da Copa do Mundo. Maiores informações no telefone 552-6835.

A Sociedade de Amigos do Jardim Botânico promove, da próxima quarta-feira ao dia 18 de maio, um curso de jardinagem ministrado pela professora Sílvia Marsicano. Maiores detalhes no telefone 239-9742.

A Comunidade Econômica

Europeia (CEE) aprovou o projeto de criação de uma escola de pesca na Praia do Mundaú, no Ceará. O projeto foi originado em 1991, a partir da demanda coletiva da própria comunidade pesqueira de Mundaú. Esta escola de pesca terá o objetivo de formar mão-de-obra especializada, capaz de dinamizar a pesca realizada pelos pequenos pescadores de todo o litoral cearense.

O Banco de Informações Ambientais — Bulletin Board System, especializado em Informática, está enfatizando a troca de informações sobre Meio Ambiente. Leo Venzon e Sergio Gallo (Meio Físico); David Zee (Água); Heitor Damazio (Clima) e Fábio Henninger (Solos) convidam os ambientalistas a esquentarem seus modems e a trocar idéias e experiências pelos telefones 542-9768 e 542-5870.